

# Alta renda per capita e bons índices sociais dão qualidade de vida ao DF

*Estado de bem-estar vem sendo ameaçado pelo aumento do nível de desemprego local*

**A**s estatísticas sobre a economia e a situação social do Distrito Federal confirmam a capital como um lugar privilegiado com a maior renda per capita do País – R\$ 11,6 mil. As condições de educação, segurança pública e saúde, com os menores níveis nacionais de mortalidade infantil, diferenciam Brasília das demais capitais brasileiras. Esse bem-estar vem sendo ameaçado pelo aumento do nível de desemprego, que já atinge 20%, um dos mais altos do Brasil.

O governo do Distrito Federal espera fechar este ano com um crescimento da sua economia superior aos 4% estimados pelo governo federal para o Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

A estratégia do governador Joaquim Roriz é criar um programa de incentivos fiscais e estimular a vinda de novas empresas – de médio e grande porte – para a capital do País. A expectativa é a de que mais de 60 empresas venham para a capital federal até o fim do ano, o que deverá proporcionar crescimento de 5% a 6% reais na arrecadação própria, principalmente do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

O secretário da Fazenda do DF, Valdivino de Oliveira, acredita que a expansão da economia brasiliense será alavancada pelo setor terciário (comércio e serviços, inclusive a administração pública), que hoje já representa 92,37% do PIB local.

O governo do Estado vai estimular os setores de distribuição (comércio atacadista) e de prestação de serviços. Mais do que fazer a economia crescer, a preocupação é reduzir a inflação e registrar um Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) – projetado pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) – de 6% este ano.

Historicamente, a economia do Distrito Federal vem crescendo acima da média nacional. Entre 1985 e 1997, por exemplo, a economia brasiliense cresceu 47% em comparação aos 37% registrados pela economia do País. Os indicadores mais recentes mostram que, em 1998, houve nova onda de aquecimento da economia local, consolidando a trajetória de crescimento.

**Desemprego** – Com uma população de 1,97 milhão de habitantes – representando as mulheres um contingente de

1,02 milhão – é uma taxa de desemprego de 20%, o Distrito Federal tem um dos maiores PIB per capita do País: R\$ 11,6 mil em comparação aos R\$ 5,9 mil da média nacional. Segundo o secretário de Planejamento do DF, Leonel Paiva, o aumento do desemprego é consequência do grande fluxo migratório para as cidades do entorno de Brasília. A maioria dos imigrantes é oriunda das regiões Nordeste e também do Centro-Oeste.

Atualmente, o PIB do DF corresponde a 2,3% do PIB nacional, aproximadamente R\$ 23 bilhões. Em 1999, o PIB brasiliense teve crescimento estimado de 0,6% acima da média nacional. No âmbito do Mercosul, o PIB brasiliense supera o da Bolívia (US\$ 9 bilhões), e o do Paraguai (US\$ 12 bilhões), e fica bastante próximo ao do Paraguai, US\$ 19 bilhões.

**Destaque** – No Distrito Federal, o setor terciário – que engloba o comércio e a prestação de serviços, por exemplo – representa 92,37% do PIB local. Nacionalmente, o percentual equivale a 54,51%, segundo os dados da Codeplan. O setor que mais se destaca nesse campo é o comércio, que detém mais de 60% das transações feitas no setor terciário. A agropecuária representa pouco mais de 1% no PIB local.

Já dentro do setor de serviços o destaque absoluto fica para a administração pública no PIB local. Segundo a Codeplan, em 1985, a administração pública participava com 23,43% do PIB passando para 36,63% em 1997.

Os subsetores que compõem esta atividade exercem importante papel na relação de renda e empregos. No setor secundário, a maior participação é a construção civil, com 4,18%. O crescimento desse setor foi alavancado pelas novas edificações e melhorias nas habitações populares destinadas às famílias de baixa renda.

Leonel Paiva avalia que o ritmo acelerado de crescimento registrado no ano de 1997 só foi freado a partir de junho, com o início da crise asiática. A derrocada da economia internacional influiu na economia candanga e houve uma mudança nas perspectivas. Em outubro, com o novo choque na economia mundial, o País perdeu crédito de R\$ 8,3 bilhões em apenas um mês, obrigando o governo federal a adotar uma série de medidas fiscais e monetárias para manter a estabilidade da moeda. Paiva lembra que o governo aumentou taxas de juros e impostos, mudou o câmbio e cortou despesas. (C.A. e L.A.)

**E**XPECTATIVA  
É ATRAIR 60  
EMPRESAS ATÉ  
FIM DO ANO